

[Digite texto]

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
DEPARTAMENTO DE LINGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**

Ana Lygia Gonçalves de Assunção

**LÍNGUA DE ESPECIALIDADE DO CINEMA: UM ESTUDO
TERMINOLÓGICO MULTILÍNGUE.**

BRASÍLIA/DF

2015

[Digite texto]

Ana Lygia Gonçalves de Assunção

**LÍNGUA DE ESPECIALIDADE DO CINEMA: UM ESTUDO
TERMINOLÓGICO MULTILÍNGUE.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação da Universidade de Brasília, na área de Línguas, Léxico e terminologia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Dra. Janaína Soares Alves

BRASILIA/DF

2015

[Digite texto]

Ana Lygia Gonçalves de Assunção

LÍNGUA DE ESPECIALIDADE DO CINEMA: UM ESTUDO TERMINOLÓGICO
MULTILÍNGUE.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação da Universidade de Brasília, na área de Línguas, Léxico e terminologia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof. Dra. Janaína Soares Alves

Comissão Examinadora

Prof. Dra. Janaína Soares Alves
(LET/UnB)

Prof.Me. Cesário Alvim Pereira Filho
(LET/UnB)

Prof. Me. Charles Rocha Teixeira
(LET/UnB)

Brasília, 22 de junho de2015

[Digite texto]

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Janaína Soares Alves, pela orientação deste trabalho.

Ao Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas, LEA- MSI Lucas Henrique García, grande amigo e conselheiro, que foi de grande apoio nesta etapa da minha vida.

Às minhas companheiras de curso que fizeram da minha graduação anos maravilhosos.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado.

À minha mãe e minha avó que são e sempre serão os alicerces da minha vida.

[Digite texto]

Língua de especialidade do cinema: um estudo terminológico multilíngue.

RESUMO

Este trabalho pretende discutir questões relativas à terminologia aplicada aos termos da linguagem cinematográfica a partir do ponto de vista do leitor não especializado rumo ao leitor especializado, salientando os diversos níveis que o discurso de especialidade pode adquirir além de explanar as dificuldades de interpretação dos conceitos dos termos coletados em uma análise multilíngue. Para esse fim, conduziremos esta investigação em um panorama sobre a Terminologia fundamentada na linha teórica de Cabré (1993) e Barros (2004), na teoria da semiologia conforme Metz (2007) e nos estudos de linguagem cinematográfica.

Palavras-chave: Terminologia, linguagem cinematográfica, semiologia, leitor especializado, leitor não especializado.

[Digite texto]

Língua de especialidade do cinema: um estudo terminológico multilíngue.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo discutir las cuestiones relativas a la terminología aplicada a los términos del lenguaje cinematográfico, partiendo del punto de vista del lector no especializado hacia el lector especializado. Relevando los varios niveles que el discurso de especialidad puede alcanzar además de exponer las dificultades de interpretación de los conceptos de los términos recolectados en un análisis multilingüe. Para eso, conduciremos en un estudio sobre la Terminología fundamentada en la línea teórica de Cabré (1993) y Barros (2004), en la teoría de la semiología según Metz (2007) y en los estudios del lenguaje cinematográfico

Palabras llave: Terminología, lenguaje cinematográfico, semiología, lector especializado, lector no especializado.

[Digite texto]

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.LÉXICOLOGIA E TERMINOLOGIA.	9
1.1. Língua de especialidade e Língua geral.....	11
1.2.CINEMA- LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA	13
2.METODOLOGIA.	17
2.1 ANÁLISE DOS TERMOS (DICIONÁRIOS DE LÍNGUA ONLINE).....	19
2.2ANÁLISE DOS TERMOS (OBRAS ESPECIALIZADAS).....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho segue a linha teórica da Terminologia que encontra fundamentação nas obras de Cabré (1993) e Barros (2004). Ao se analisar termos de uma linguagem específica, coletam-se as unidades terminológicas e realiza-se primeiramente uma busca em dicionários de língua, partindo depois para os dicionários especializados. De acordo com Barros (ibidem, p. 63), os “*dicionários de língua registram unidades lexicais em todas as suas variações morfossintáticas e em todas as suas acepções*”. Já os dicionários especializados “*registram termos, ou seja, modelos de realização lexical em nível das normas de universo de discurso especializado*”. A investigação deste trabalho busca analisar o processo pelo qual os leitores podem passar ao entrarem em contato com textos relacionados ao cinema audiovisual, teatro e literatura (campo temático¹). Observamos que, ao entrar em contato com um termo, busca-se compreendê-lo e apreender o seu conceito de maneira isolada. Isto é, parte-se primeiro do verbete, processo de análise conforme a Lexicologia, e na tentativa de entender o significado, surgem as dúvidas, levando o leitor a se afastar da *língua de especialidade*, saindo do discurso especializado e assumindo as variações possíveis dentro da *língua geral*. Cabré (1993, p. 128) define como língua de especialidade “*o conjunto de subcódigos...caracterizados em virtude de umas peculiaridades ‘especiais’, isto é, próprias e específicas de cada uma dela*”² e língua geral como sendo; “*o conjunto de regras, unidades e restrições que formam parte do conhecimento da maioria dos falantes de uma língua*”³.

Todavia, veremos adiante que não podemos isolar o termo totalmente de um contexto de língua, sob pena de extrair dele suas características culturais, como um dos exemplos de elementos extralinguísticos. Portanto, se faz necessário compreender as diferenças entre Terminologia e Lexicologia. Barros (2004) define a Terminologia

¹ Define-se campo temático como “área da atividade humana cujo recorte temático é cuidadosamente delimitado”, de acordo com o Manual de Terminologia (Pavel, 2002, p.115).

² Tradução nossa.

³ Idem.

como sendo o estudo do léxico no nível do discurso especializado, já a Lexicologia estuda a unidade lexical no nível do sistema linguístico.

Perpassarmos pelas considerações teóricas da Terminologia. Dessa forma, ao delinear os estudos da linguagem cinematográfica, com a definição de Metz (1973, p.97) de um "Conjunto de todos os códigos cinematográficos, particulares e gerais, sempre que se deixe de lado temporariamente as diferenças que os separam, e que seja tratado como um tronco comum, por convenção, como um sistema real unitário."

O objetivo deste trabalho é fazer uma investigação terminológica comparativa dos termos específicos do cinema, em fontes bibliográficas especializadas em português, inglês e espanhol, analisar as denominações e conceitos e observar como se dá a normatização de termos técnicos do cinema de modo a trazer maior acessibilidade ao leitor desta área especializada, como também ao público abrangente sobre a interpretação de um termo que pode ocorrer de maneira equivocada à simples vista.

Na busca por termos do cinema, pode-se encontrar mais de uma entrada para uma mesma acepção que varia nas diversas línguas, ficando a critério do autor o uso dos termos na língua ou suas respectivas traduções, sempre que estas existam. Desta forma, é possível observar que o audiovisual e o cinema são áreas de carência de sistematização e normatização de termos que evitem a ambiguidade.

1. LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA

Antes de analisarmos os termos coletados, apontaremos o processo teórico que levou à metodologia deste trabalho. Para tal, explanaremos sobre a teoria da Lexicologia e Terminologia. A Lexicologia é a disciplina científica das definições, ela possui um caráter semasiológico, processo que parte da designação para o conceito. A Terminologia, por sua vez, é a disciplina científica das denominações, possui caráter onomasiológico, que parte do conceito para chegar à significação.

A Lexicologia estuda o léxico e possui dois eixos de análise: o sintagmático e o paradigmático. O primeiro diz respeito à uma análise horizontal estudada no eixo das combinações. Já a segunda é vertical, estudada no eixo das substituições. "A *unidade*

lexical, tal como a unidade terminológica, pode ser estudada em seus diferentes aspectos (morfológicos, léxico- semântico, e semântico- sintático) ” (BARROS, 2004, p.60).

Como definido na obra de Barros (2004) o estudo lexicológico, e a análise do signo linguístico pode ser feita por duas perspectivas: a sincrônica e a diacrônica. A primeira é uma análise do momento presente do léxico especializado e a segunda é o da evolução do signo linguístico na história. Saussure (2006) propõe a análise do signo linguístico, que consiste na relação conceito e imagem acústica, método usado na Lexicologia, que estuda a unidade lexical passível de análise sincrônica ou diacrônica. Nisto, se difere de Wüster, criador da Teoria Geral da Terminologia (TGT), em que a análise da unidade terminológica só pode ser feita através do enfoque sincrônico, pois a prioridade está no conceito para posteriormente chegar a sua denominação, consistindo, assim, em um estudo de ordem mais conceitual que lingüística.

Outra diferença entre Lexicologia e Terminologia é que a primeira leva em conta todas as possíveis significações da unidade lexical, dentro da língua geral. Já a segunda está centrada no termo dentro da língua de especialidade, isto é, o significado da unidade terminológica dentro do discurso especializado. “*A Lexicologia estuda a palavra no nível do sistema linguístico (língua global) e a Terminologia a estuda em nível da(s) norma (s) de universos de discursos especializados (línguas de especialidade) ” (BARROS, 2004, p.61).*

Na aplicação da Lexicologia há a Lexicografia que consiste na elaboração de dicionários de língua, que analisam a unidade lexical e suas variações morfossintáticas em todas as suas acepções, (BARROS, 2004) ou dicionários especiais, sendo estes últimos dicionários de expressões idiomáticas, provérbios, gírias, sinônimos. No que se refere à aplicação da Terminologia há a Terminografia que elabora os dicionários especializados, isto é, a análise da unidade lexical dentro da língua de especialidade.

É importante acentuarmos que este trabalho pretende analisar conceito e termo no que diz respeito a sua relação indissociável, levando em conta o contexto em que ele está inserido. Assim, precisamos as diferenças metodológicas entre a TGT e suas

variantes teóricas, explanando a teoria da Socioterminologia, que Barros (2004) usa como referência em contraponto à concepção tradicionalista de Wüster.

A linha da Terminologia proposta por Wüster é a análise prescritiva do termo. Esse método possui caráter normativo, para que não haja ambiguidade na linguagem especializada, em que o conceito possui apenas um termo, não levando em conta a variação linguística que esteja inserido (BARROS, 2004). Tendo em vista a limitação deste método ao longo do tempo François Gaudin (1993) desenvolveu a Socioterminologia, que possui caráter social. O termo é analisado levando em conta o espaço social e as variações linguísticas do discurso especializado.

1.1 LÍNGUA DE ESPECIALIDADE E LÍNGUA GERAL

Com a evolução das teorias modernas da Terminologia no sentido de aprimorar a TGT de Wüster, Cabré (1993) apresenta uma perspectiva mais abrangente da Terminologia no seu caráter comunicativo e interdisciplinar, não desconsiderando o conceito do contexto em que está inserido e suas variações linguísticas.

Neste aspecto, em uma análise terminológica, muitas vezes confunde-se o limiar entre a língua de especialidade, levando em conta suas variações linguísticas e o contexto em que está inserido, e a língua geral, principalmente se tratarmos de áreas que ainda não tem uma sistematização terminológica, dentro da assertiva em que o cinema está incluso. Além disso, como afirma Cabré (ibidem), a Terminologia é uma ciência interdisciplinar, os termos podem passear entre áreas de especialidade próximas. Logo, faz-se necessário delimitar língua geral e língua de especialidade.

É importante destacar que ainda que Cabré (ibidem) utilize o termo *linguagem* para *linguagem de especialidade* e *linguagem geral* optamos pela nomenclatura *língua* proposta por Barros (ibidem), para *língua de especialidade* e *língua geral*.

Basicamente, como define Cabré (1993), a língua de especialidade não é um sistema homogêneo, ela possui diferentes níveis dentro do seu sistema e subcódigos que atendem suas necessidades dialéticas. Contudo, ela sofre influência gramatical - sistema descritivo - assim como a língua geral. Em resumo, ela é um sistema heterogêneo com variedades linguísticas e funcionais.

Há alguns pontos que a autora utiliza para definir o que é língua de especialidade, analisando as definições proposta por outros autores. Ela inicia com a definição de Beaugrande de que *“línguas de especialidade são códigos de caráter linguístico diferenciados da língua geral que consta regras e unidades específicas”*(BEAUGRANDE, 1987 apud CABRÉ, ibidem p.132). Neste aspecto, é como se a língua de especialidade estivesse totalmente separada da língua geral e cada uma possuísse suas próprias regras, não interferindo entre si. Desta forma, se exclui o fato das influências externas que a língua de especialidade pode sofrer. *“Os elementos extralinguísticos e comunicativos interferem na especificidade da língua especializada definindo sua temática a qual está relacionada os objetivos e condições dela”* (HOFFMANN, 1979 apud. CABRÉ, ibidem p.133)

Um segundo ponto analisado por Cabré (ibidem) na definição de Hoffmann (1979) é que a língua de especialidade é uma variação da língua geral. Isto é, equiparando línguas de especialidade e usos específicos de língua como expressões ou gírias. Uma terceira via considera as *“línguas de especialidade como subconjuntos-fundamentalmente pragmáticos - da língua entendida em sentido global”* (CABRÉ, 1993, p.134)

Baseado nas definições acima, a língua de especialidade pode ser analisada a partir de duas formas: pela temática, partindo do texto especializado, quer dizer, todas as atividades desenvolvidas pelas pessoas então inseridas no campo de especialidade e, a mudança de uma área de especialidade a outra ou o encontro delas faz passar despercebida a especialização. O segundo tipo é pelas características especiais nas quais ocorre o intercâmbio de informação, partindo de textos de língua geral e, neles perceber marcas da língua de especialidade. Dessa forma, qualquer texto que se afaste da língua geral seria considerado especializado. Logo, Cabré (1993) afirma que os critérios de análise para definir a língua de especialidade são: a temática, tipo de situação, os usuários e em que condições ela ocorre.

Ao se definir a linguagem de especialidade é preciso levar em conta os níveis de especialização. Cabré (ibidem) ao delimitar a noção de língua de especialidade, conclui que há níveis de especialidade na comunicação entre os especialistas da área. Contudo, o texto técnico pode ser divulgado ao grande público, ainda que sua

assimilação não seja no mesmo nível que a de um leitor especialista. Com a grande expansão do conhecimento e o maior acesso a informação, o multilinguismo e a multidisciplinaridade presente na atualidade reforçam a divulgação e expansão do acesso e busca por textos especializados ou técnicos. Portanto, a Terminologia pode ser fundamental para definir os termos que atuam nos mais variados contextos em que eles estão inseridos. Sendo assim, as perspectivas teóricas tomadas como referência neste trabalho levam em conta as variantes linguísticas e a comunicação a ser realizada entre os leitores especializados e não especializados.

1.2. LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

Este trabalho basear-se-á em Martin (2013), Amount (1995), Field (1998) Metz (2003), com ênfase neste último, já que sua obra é um breve resumo do processo de surgimento da linguagem cinematográfica. Utilizar-se-á também os dicionários especializados de Cardero (1989) e Amount & Marie (2003).

O cinema é uma arte recente em relação às demais e que evolui com grande rapidez devido ao seu elo direto com a tecnologia. Cada vez que o processo tecnológico avança, as técnicas de cinema vão se aprimorando. Assim, as denominações empregadas para elas vão sofrendo mudanças conforme esse processo. O acesso aos conteúdos especializados, muitas vezes, confunde o usuário levando-o a conceitos ambíguos ou denominações que derivam de várias outras tornando difícil a compreensão de técnicas ou conceitos teóricos da área.

A teoria do cinema começou a surgir a partir de questionamentos filosóficos baseados na teoria linguística estruturalista de Ferdinand Saussure (2006) e da semiótica por Charles Sanders Peirce (1999) buscando compreender como decodificar a linguagem por meio de imagens e desta maneira como é possível defini-la. Peirce (ibidem) propõe a semiótica em que é possível analisar os signos além da linguagem verbal. Na semiótica pierciana o signo é percebido através de três etapas denominadas por ele de *Primeiridade*, *Segundidade* e *Terceiridade*. Merrell (1998) resume as três fases da seguinte forma:

Primeiridade: o modo de significação do que é tal como é, sem referência a outra coisa (i.e. é uma qualidade, uma sensação, um sentimento, a mera possibilidade da consciência de algo aparte do “eu”)

Segundidade: o modo de significação do que é tal como é, com relação a algo mais, mas sem referência a um terceiro elemento (i.e. inclui a consciência de algum outro)

Terceridade: o modo de significação do que é tal como é, à medida que traz um segundo e um terceiro elemento em relação com o primeiro. (i.e. abarca a mediação, a síntese, das categorias Primeiridade e Segundidade) (MERRELL, 1998 p. 52)⁴

Em nosso trabalho nos fundamentaremos vertente semiótica relacionada ao estudo do cinema e sua linguagem pelo viés do Metz que explanaremos mais à frente. Contudo, antes faremos um panorama histórico sobre a linguagem cinematográfica.

Com o advento do cinema e sua popularização, na década de 20, se iniciaram os estudos na busca pela língua do cinema. A princípio, viu-se a necessidade de criar a língua do cinema com o objetivo de diferenciá-la das outras artes como o teatro e a fotografia, contudo para criá-la era necessário fazer sem que congelasse a própria arte do cinema em si. Como o cinema é basicamente uma arte de imagens em movimento, ele não possui as limitações de uma linguagem verbal, como o obstáculo na comunicação entre línguas estrangeiras. Como afirma METZ (2003), “o cinema é universal porque a percepção visual, pelo mundo, varia menos que os idiomas”. O cinema transpõe essas barreiras comunicativas, e mais ainda, era uma arte da realidade, onde o espectador dentro de uma caixa poderia ter as sensações que lhe fossem mostradas na tela.

Por volta dos anos 20, falava-se da *cine língua*, que seria universal, como uma espécie de esperanto. Logo no início, a busca era por uma linguagem única que

⁴ Tradução nossa.

traduzisse o cinema de modo que o cinema fosse visto como uma arte a parte das outras, sem que houvesse comparações, principalmente com o teatro.

Para chegar à língua do cinema, era preciso isolá-la do teatro e da literatura. Como afirma Boris Eichenbaum:

“[...] o espectador deve efetuar um trabalho complexo para ligar os planos (construção das cinefrases e cineperíodos)... Afinal de contas o cinema, como todas as outras artes, é um sistema particular de linguagem figurada” (Eichenbaum apud AMOUNT. 1995, 21).

Estas premissas e termos como *cine língua*, cinefrases e cineperíodo são os primeiros passos na construção das “gramáticas do cinema”.

Contudo, não haveria como analisar a linguagem do cinema dentro da premissa de linguagem verbal, assim não haveria como existir a cine língua assim como afirma Amount (1995):

A língua permite a qualquer momento a permutação dos polos do locutor e do interlocutor, o cinema não permite isso não é possível dialogar diretamente com o filme a não ser em um sentido muito metafórico. Para responder a ele é preciso desenvolver uma outra unidade de discurso e essa produção será sempre posterior a manifestação da primeira mensagem. (AMOUNT, 1995, p. 22)

Percebeu-se que para ser língua, e ser analisada como tal, o cinema deveria possuir a primeira articulação⁵, que diz respeito à combinação dos termos para haver sentido; e a segunda articulação⁶, que diz respeito aos fonemas. Para isso, era necessário desmembrar a palavra. Logo, a problemática se dava em como chegar a unidade mínima da imagem. Nos questionamentos da unidade mínima do cinema, chegou-se a seguinte conclusão como afirma Christian Metz:

Se fossem separar o filme em sua unidade mínima o máximo que se pode chegar é o plano, este por sua vez não seria o equivalente a palavra pois “ele é um enunciado complexo de extensão indefinida” (METZ 2003 p.137).

⁵ Curso de linguística Geral (SAUSSURE, 2006).

⁶ Idem.

Desta forma, conclui-se que o cinema não é língua e não se encaixa como linguagem verbal. Visto isso, a ciência que chega mais próxima da análise abstrata e complexa do cinema é a semiologia, pois ela atende à análise da imagem, pois como dito anteriormente, ela não equivale a uma palavra, está mais próxima a uma equivalência com a “frase”, isto é:

Assim é que a linguística, graças a sua análise da língua, elucidando o que o cinema não é, nos leva paulatinamente a perceber o que é, isto no próprio movimento pelo o qual ela se coroa a si mesma como uma translinguística (semiologia). O cinema não conhece senão a “frase”, a asserção, a unidade atualizada. (METZ 2003 P. 102)

Visto assim, o cinema foi aos poucos se estabelecendo como linguagem, e dessa forma foram aparecendo os elementos básicos que o compunham como: a imagem, o movimento e o som. Por consequência, fez-se necessário analisar cada um desses elementos e de que forma verificavam-se na produção fílmica. Como esclarece MARTIN (2013, p, 21):

“A imagem constitui o elemento de base da linguagem cinematográfica. Ela é a matéria-prima fílmica e desde logo, porém, uma realidade particularmente complexa. Sua gênese, com efeito complexa é marcada por uma ambivalência profunda: resulta da atividade automática de um aparelho técnico capaz de reproduzir exata e objetivamente a realidade que lhe é apresentada, mas ao mesmo tempo essa atividade se orienta no sentido preciso desejado pelo realizador. ”

Como explanado na declaração de Martin, o grande desafio do cinema dá-se em cumprir o trabalho objetivo (imagem fílmica) por meio de máquinas, intermediado pela intenção subjetiva do realizador. Portanto, a análise sucede as práticas empreendidas, pois a partir da busca em realizar a *imagem fílmica*⁷ surgem as técnicas e consequentemente os termos pertencentes a ela.

⁷ *Imagem fílmica*. (MARTIN, 2013. p. 21)

2. METODOLOGIA

A natureza da pesquisa apresentada neste trabalho é qualitativa, sendo que seu processo de coleta de dados foi baseado em análise documental. Os dados serão coletados através de glossários de cinema em artigos acadêmicos do campo temático, livros especializados em linguagem cinematográfica, dicionários de língua online e dicionários de cinema especializados.

Posteriormente, buscar-se-á contrastar os termos no português, inglês e espanhol, comparando as acepções e as denominações e demonstrar cada termo com suas respectivas acepções e levantando os questionamentos sobre o uso de cada um deles.

Ressaltamos que faremos a substituição da nomenclatura *leitor leigo* por *leitor não especializado* devido ao que foi mencionado anteriormente em *língua de especialidade e língua geral* neste trabalho. Cabré (1993, p. 70) menciona que os textos especializados englobam vários níveis de especialização e que os usuários variam desde os especialistas da área ao grande público, tendo em vista o caráter comunicativo de divulgação destes textos.

A investigação de vocabulário cinematográfico partiu de maneira mais generalizada (do ponto de vista do leitor não especializado), na leitura dos termos presentes na língua geral, através do processo semasiológico, caminhando rumo à língua de especialidade. Acreditamos que a singularidade desse processo se dá justamente por partir do mais geral e afunilar-se ao específico.

Por esse caminho, buscamos léxicos que estão presentes nas obras cinematográficas, podendo ser igualmente do conhecimento do público geral (leitor não especializado), pois percebemos que o processo de análise terminológico parte primeiro da identificação da unidade lexical e, posteriormente analisa o seu conteúdo semântico, como afirma BARROS (2004 p. 67): “O terminólogo parte do termo e procede a uma análise do seu conteúdo semântico. Seu percurso é, portanto, o do interpretante, percurso semasiológico”.

Nossa coletânea lexical especializada em cinema foi encontrada em artigos acadêmicos contendo glossários em formato monolíngue e bilíngue. Os glossários estudados são formados por uma lista de palavras de caráter introdutório à linguagem do cinema e ao campo temático. O leitor não especializado em contato com tais vocábulos pode deparar-se com a ambiguidade dos termos devido ao conflito de significado entre língua geral e língua de especialidade. Tal situação pode ser observada na interpretação do leitor em determinadas traduções técnicas, pois, um termo quando traduzido é inserido ao contexto da língua alvo, que poderá ampliar a outras acepções ou levar as entradas diferentes da língua fonte.

Percebemos, durante nossas pesquisas que, o leitor não especializado, ao buscar as entradas no dicionário não se limita a encontrar binômios de significados. Uma palavra não significa outra, muito menos em espelho. Acontece uma ampliação lexical que o leva a relacionar outros termos que representam matizes da palavra buscada e de significados relativos ao encontrado. Portanto, o significado do signo sofre adiamento, percebemos sua natureza através da relação dele de diferença com outros signos como comenta Mastrella (2013) baseada no conceito de *différance* de Derrida (1991):

“O que faz com o que o movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito “presente”, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já a moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro (...).” (DERRIDA, 1991, apud MASTRELLA, 2013, p. 35)

Portanto, para aguçar a curiosidade de possíveis leitores, tratamos de acrescentar um quadro que chamamos de palavras correlatas baseado no conceito de *différance* explanado por Mastrella (ibidem) na busca da entrada “*cinema*”. Nesse anexo, localizaremos termos relacionados que possam contribuir com a leitura e o entendimento dos vocábulos buscados em primeiro nível.

Cinema: (ci.ne.ma) s.m. (**Cine**) 1. Arte de compor e realizar filmes cinematográficos. 2. Local onde se assiste à projeção **cinematográfica**. 3. A indústria **cinematográfica**.

Cinematográfica. (ci.ne.ma.to.grá.fi.co) adj. (**Cine**) Aparelho que permite projetar numa tela cenas animadas; cinema.

Cine: (ci.ne) s.m. Abreviatura de cinema.

(DICIONÁRIO AURÉLIO, 2008, p. 305, 306)

Com a busca de *cinema* no dicionário, somos levados a outros verbetes na acepção como no quando acima cinematográfico e cine, que contribuem para a compressão da entrada pesquisada a princípio, logo recorremos a nova busca dos vocábulos sugeridos. O mesmo ocorreu na investigação dos termos de cinema neste trabalho, cada vez que consultávamos um termo nos dicionários online éramos levados a outro e assim sucessivamente, logo o significado era sempre adiado pois precisávamos buscar as acepções dos termos que iam aparecendo para a melhor compreensão deles.

2.1. Análise dos Termos (DICIONÁRIOS DE LÍNGUA ONLINE)

A análise dos termos nessa seção parte do possível caminho que o leitor não especializado tomaria ao entrar em contato com termos do cinema. Portanto, coletamos as unidades lexicais encontradas nos glossários em artigos acadêmicos da área temática e em seguida buscamos comparar as acepções nos dicionários online de língua em português, inglês e espanhol o que estabelece o caráter multilíngue deste trabalho. Logo o primeiro nível de análise ocorrerá pelo processo semasiológico, partindo dos termos e verificando sua semântica.

Iniciaremos com a entrada “*extra*” que em uma de suas acepções em língua geral, possui o significado de *adicional*. Na leitura do usuário não especializado os extras de um filme são as partes adicionais colocadas como bônus na mídia de DVD, podendo ser o *make off* ou ficha técnica.

Inglês	Espanhol	Português
<p>http://www.oxforddictionaries.com/</p> <p>Extra Line breaks: extra adjective Added to an existing or usual amount or number: <i>they offered him an extra thirty-five cents</i> <i>an hour a lot of extra work is involved</i> adverb 1[AS SUBMODIFIER] To a greater extent than usual; especially: <i>he is trying to be extra good</i> Noun 1.2A person engaged temporarily to fill out a crowd scene in a film or play: the film used an army of extras</p>	<p>http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae</p> <p>Extra (Del lat. extra). 1. pref. Significa 'fuera de'. Extrajudicial, extraordinario. 2. pref. Significa a veces 'sumamente'. Extraplano. extra. (Del lat. extra). 1. adj. extraordinario (Il añadido a lo normal). Un gasto extra. U. t. c. s. 5. com. Cinem. figurante (Il persona que forma parte de la figuración de una película). 6. prep. desus. además. Extra de esto, ocurrieron otros hechos.</p>	<p>http://www.dicionariodoaurelio.com/</p> <p>Extra</p> <p>1 Despesa acessória ou considerada à parte.</p> <p>6. Que é publicado ou editado extraordinariamente.</p> <p>.....</p> <p>8 Pessoa que, em cinema, televisão ou teatro, participa com papel decorativo ou pouco importante, geralmente sem falas.</p>

Percebemos nos três dicionários acima a aceção comum de “extra” equivalente ao sentido de “adicional” como mencionado anteriormente. Já nas definições relacionado ao campo temático encontramos o verbete “figurante”.

O quadro a seguir ilustra a definição de “figurante” encontrada nos dicionários:

Inglês	Espanhol	Português
<p>http://www.oxforddictionaries.com/</p> <p>Figurant</p> <p>1. noun (feminine figurante ˈfɪɡjʊˈrɒnt)</p> <p>A <i>supernumerary actor who has little or nothing to say.</i></p>	<p>http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae</p> <p>Figurante</p> <p>(Del ant. part. act. de <i>figurar</i>).</p> <p>1. adj. Que <i>figura</i>. U. t. c. s.</p> <p>2. com. *Comparsa de teatro.</p> <p>3. com. Persona que forma parte de la figuración de una película.</p>	<p>http://www.dicionariodoaurelio.com/</p> <p>Figurante</p> <p>1. Pessoa que, em cinema, televisão ou teatro, participa com papel decorativo ou pouco importante, geralmente sem falas.</p> <p>2. Pessoa cujo papel é insignificante ou meramente decorativo.</p> <p>3. COMPARSA</p>

Em todas as línguas apresentadas, a entrada “*figurante*” está relacionada, já na primeira acepção, ao teatro, cinema e televisão, logo é possível partir da assertiva que *figurante* seria um termo mais específico desse campo temático, distanciando este vocábulo das possíveis variações semânticas na língua geral.

A entrada seguinte que buscamos foi “*personagem*”, lembrando que ela não pertence somente ao cinema, sendo comum também ao campo temático como os vocábulos anteriores.

<p>Inglês http://www.oxforddictionaries.com/</p>	<p>Espanhol http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae</p>	<p>Português http://www.dicionariodoaurelio.com/</p>
<p>Personage</p> <p>1. noun 1A person (used to express importance or elevated status): it was no less a personage than the bishop</p> <p><i>*character in a play or other work: the key explains who all the personages in the paintings are</i></p> <p>*character</p> <p>2. noun The mental and moral qualities distinctive to an individual: running away was not in keeping with her character</p> <p>Person in a novel, play, or film: the author's compassionate identification with his characters</p> <p>A part played by an actor: the actor's TV character is often on the wrong side of the law</p>	<p>Personaje</p> <p>1. m. <i>Persona de distinción, calidad o representación en la vida pública.</i></p> <p>2. m. Cada uno de los seres humanos, sobrenaturales, simbólicos, etc., que intervienen en una obra literaria, teatral o cinematográfica.</p> <p>3. m. ant. <i>Beneficio eclesiástico compatible con otro.</i></p>	<p>Personagem</p> <p>1 <i>Pessoa fictícia de uma obra literária ou teatral.</i></p> <p>2 <i>Papel desempenhado por um ator.</i></p>

Ao buscar o verbete “*personage*”, percebemos que as acepções fazem referência ao campo temático e também à literatura. Além disso, no dicionário Oxford encontramos como equivalente entrada “*character*”.

É possível perceber que algumas entradas são encontradas nas três línguas com grafia similar, como visto acima em “*figurant*” e “*figurente*”, “*personage*” “*personagem*” e “*personaje*”, porém, na coleta dos vocábulos percebemos que nos glossários de língua inglesa encontramos mais palavras de origem anglo-saxônicas do que os referentes de origem latina.

Sendo assim, a pesquisa tomou por ponto de partida procurar os termos de origem do latim, ou seja, entradas similares as do português e do espanhol e mais além fazer o caminho inverso, buscar os termos do inglês de origem latina que sejam similares no português e no espanhol e comparar as acepções. Decidimos buscar nos dicionários em português e espanhol, palavras similares e analisar se encontraríamos algum novo verbete ou acepção que estivesse relacionada com o campo temático como as entradas analisadas anteriormente.

Na busca no dicionário RAE encontramos a palavra “*caracter*” relacionada as seguintes entradas:

<p>□ V.</p> <p><u>actor de carácter</u></p> <p><u>actriz de carácter</u></p> <p><u>comedia de carácter</u></p> <p><u>dama de carácter</u></p>	<p>actor¹. (Del lat. <i>actor</i>, -ōris).</p> <p>1. m. Hombre que interpreta un papel en el teatro, el cine, la radio o la televisión.</p> <p>2. m. Personaje de una acción o de una obra literaria.</p> <p>3. m. <i>Der.</i> Demandante o acusador.</p> <p>~ de carácter.</p> <p>1. m. El que representa papeles de personas de edad.</p> <p>~ de reparto.</p> <p>1. m. El que desempeña papeles secundarios.</p> <p>~ genérico.</p> <p>1. m. El de reparto que, siendo por lo general de edad mediana, puede adaptarse a muy diversos papeles.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

As entradas relacionadas a “*character*” foram: “*actor/ actriz de character*”, que referem-se aos atores que interpretam pessoas idosas. Igualmente encontramos a entrada “*comédias de character*” cuja acepção apresentaremos no quadro abaixo:

<p>1. comedia. (Del lat. <i>comoedia</i>, y este del gr. κωμωδία, de κωμωδός, comediante).</p> <p>2. ~ de carácter.</p> <p>1. f. Aquella cuyo fin principal es el de resaltar tipos humanos.</p>

Ao buscar em português a entrada “*caráter*” não encontramos nenhuma acepção similar a encontrada no inglês ou no espanhol que remetesse ao campo temático.

Através da pesquisa comparativa nos glossários de cinema entre termos cinematográficos, entre inglês -português e espanhol- português percebemos que na primeira lista (inglês -português) são escassas as ocorrências de termos que possam causar ambiguidade devido à similaridade gráfica, quer dizer, partindo dessa análise mais abrangente temos a assertiva que o leitor não especializado não encontrará muitos casos em que ele irá se deparar com um termo que remeta a um vocábulo de sua língua materna que tome outros valores semânticos comprometendo a compreensão. Os casos que encontramos foram os descritos acima dos vocábulos “*extra*”, “*figurante*”. Contudo no caso da segunda lista (espanhol- português) foi possível perceber mais casos em que se encontre palavras similares, mas com acepções distintas. Assim partimos da assertiva de que a semântica da entrada ao ser retraduzida ao português pode comprometer a interpretação do leitor não especializado.

O ponto relevante é que alguns termos de significados diferentes coexistem na mesma língua de especialidade, por exemplo “*película*”, tanto em português como espanhol é um termo do cinema, mas em cada língua possui significados diferentes dentro da língua geral. Contudo nas duas línguas, “*película*” possui a acepção de folha cinematográfica e obra cinematográfica ainda que em português o comum seja o uso de “*Filme*” no lugar de “*película*”. Assim como no inglês em que as duas acepções também existem, mas percebemos uma maior ocorrência nos glossários encontrados nos artigos acadêmicos o uso de “*Movie*. ”

<p>Inglês http://www.oxforddictionaries.com/</p>	<p>Espanhol http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae</p>	<p>Português http://www.dicionariodoaurelio.com/</p>
<p>Film 1. noun [MASS NOUN] A thin flexible strip of plastic or other material coated with light-sensitive emulsion for exposure in a camera, used to produce photographs or motion pictures: [COUNT NOUN]: a new range of films and cameras</p> <p>1.1 Material in the form of a very thin flexible sheet</p> <p>1.2 [COUNT NOUN] A thin layer covering a surface</p> <p>1.3 archaic A fine thread or filament: films of silk</p> <p>2 A story or event recorded by a camera as a set of moving images and shown in a cinema or on television. [AS</p>	<p>película.⁸ (Del lat. pellicŭla).</p> <p>1. f. Piel delgada y delicada..</p> <p>4. f. Pellejo, hollejo de la fruta.</p> <p>5. f. Cinta de celuloide preparada para ser impresionada fotográficamente.</p> <p>6. f. Cinta de celuloide que contiene una serie de imágenes fotográficas que se proyectan en la pantalla del cinematógrafo o en otra superficie adecuada.</p> <p>7. f. Obra cinematográfica.</p>	<p>película⁹</p> <p>1. Pele muito fina.</p> <p>2. Camada fina e superficial.</p> <p>3. Folha muito fina de plástico transparente.</p> <p>4. Folha fina de gelatina sensibilizada que se usa em fotografia e cinematografia.</p> <p>5. Documento ou obra cinematográfica.</p> <p>6. Membrana muito delgada que envolve certos órgãos.</p> <p>7. Lamela muito fina que se destaca da pele e principalmente do couro cabeludo.</p>

⁸ **Película:** 2. f. Capa delgada que se forma sobre algunas cosas o las recubre.

3. f. Telilla que a veces cubre ciertas heridas y úlceras

8. f. C. Rica. **apariencia** (ll cosa que parece y no es). No hagas caso a las amenazas del jefe; ese hombre es pura película

⁹ **Película:** 2 Epiderme.

3 Membrana muito delgada, que envolve um órgão.

<p><i>MODIFIER</i>]: a film director</p> <p>2.1[MASS NOUN] Cinema considered as an art or industry.</p> <p>verb</p>		
<p>1[WITH OBJECT] Capture on film as part of a series of moving images; make a film of (a story, event, or book)</p>		

Em inglês a entrada referente a “*película*” seria “*film*” com as duas mesmas acepções (em negrito) do espanhol e português, ainda que, como dito anteriormente, encontramos durante o processo de pesquisa nos glossários acadêmicos como os que nos serve de pesquisa, a palavra “*movie*”.

Contudo, podemos encontrar também casos de palavras em que em uma língua é um termo específico, mas com acepção diferente na língua de especialidade, como no caso do espanhol o termo “*decorado*” que no português é “*cenário*”: Além do que a entrada tanto em português como no espanhol pode ser derivado do verbo “*decorar*” de “*memorizar*” no modo “*participio*”. Podemos também relevar o uso deste verbo no aspecto de “decorar falas” comum não só ao cinema como também ao teatro e televisão.

As acepções de decorar foram as seguintes encontradas no dicionário *RAE*:

Espanhol http://www.rae.es/recursos/diccionario/s/drae	Português http://www.dicionariodoaurelio.com/
<p>Decorado¹. (Del part. de decorar¹). 1. m. <u>decoración</u> (ll conjunto de elementos que adornan). 2.m. Cinem. y Teatro Conjunto de elementos con que se crea un lugar o un ambiente en un escenario, un plató, etc.</p> <p>Decorado². (Del part. de decorar²). 1. m. <u>decoración²</u>.</p> <p>Decorar². (De coro⁴). 1. tr. Aprender de coro o de memoria una lección, una oración u otra cosa. 2. tr. Recitar de memoria. 3. tr. <u>silabear.</u></p>	<p><u>Decorar</u></p> <hr/> <p>1. Guarnecer com decorações. 2. Servir de decoração a. 3. Tornar esteticamente mais agradável. 4. Ilustrar, honrar. 5. Aprender de maneira a guardar na memória; aprender de cor.</p> <hr/>

Da mesma forma, podemos encontrar a entrada “escenario” em espanhol que se aproxima a cenário em português ou “scenario” em inglês ainda que neste último encontra-se a entrada “set”:

<p>Inglês</p> <p>http://www.oxforddictionaries.com/</p>	<p>Espanhol</p> <p>http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae</p>	<p>Português</p> <p>http://www.dicionariodoaurelio.com/</p>
<p>Scenario Pronunciation: /sɪˈnɑːrɪəʊ/ Definition of scenario in English:</p> <hr/> <p>noun (plural scenarios)</p> <p>1A written outline of a film, novel, or stage work giving details of the plot and individual scenes: the scenarios for four short stories</p> <p>set </p> <hr/> <p>Pronunciation: /sɛt/</p> <p>1.2 Represent (a story, play, film, or scene) as happening at a specified time or in a specified place: a private-eye novel set in Berlin</p>	<p>Escenario.</p> <p>(Del lat. <i>scenarium</i>).</p> <p>1. m. Parte del teatro construida y dispuesta convenientemente para que en ella se puedan colocar las decoraciones y representar las obras dramáticas o cualquier otro espectáculo teatral.</p> <p>2. m. En el cine, lugar donde se desarrolla cada escena de la película.</p> <p>3. m. Lugar en que ocurre o se desarrolla un suceso.</p>	<p>Cenário</p> <hr/> <p>1. Conjunto das vistas e acessórios que ocupam o palco ou o local de uma representação teatral, televisual ou cinematográfica ou de um espetáculo semelhante.</p> <p>2. Plano de uma peça, de um romance.</p> <p>3. Documento escrito que descreve cena por cena o que será rodado em cinema ou televisão.</p> <p>5. Desenvolvimento programado ou previsto de uma ação; plano de ação.</p>

2.2. ANÁLISE DOS TERMOS (OBRAS ESPECIALIZADAS)

Neste momento, a investigação foi nos direcionando a fazer um recorte no objeto de estudo do campo mais abrangente para a área de especialização. Com a busca em dicionários por termos encontrados nos glossários acadêmicos de cinema percebemos que o usuário desta ferramenta é levado a vários outros termos e entradas ou a várias acepções de uma mesma unidade lexical. Partimos da assertiva de que há

uma carência de uma terminologia internacional aplicada à área cinematográfica. Assim ao se deparar com alguns termos do cinema a interpretação pode ser prejudicada, pois muitas vezes encontramos vários conceitos para uma mesma definição. Logo não se sabe ao certo quais os parâmetros que autores nas obras sobre cinema utilizam para a escolha da unidade lexical adequada, de forma que o leitor ao ter dúvida sobre um termo não se sinta perdido na busca em glossários, assim como nos chegamos a esse ponto na investigação. Devemos levar em conta, igualmente, os níveis de especialização do texto fonte pois como afirma Cabré (1993 p.139) “*o que define a especialidade é a temática, e um texto não deixa de ser especializado quando é divulgado, ainda que seu grau de especialização e de abstração seja inferior.*”¹⁰. Portanto, a alternativa encontrada para esclarecer as dúvidas sobre as denominações encontradas foi buscá-las em dicionários especializados relacionados diretamente ao cinema. O dicionário de partida foi o *Dicionário teórico e crítico de cinema* Aumont & Marie (2003).

Buscamos também nas obras de linguagem cinematográfica, pois o objetivo agora é ir rumo à uma análise dos conceitos para posteriormente chegar às denominações que assim serão comparadas nas línguas: português, inglês e espanhol. Logo nesse nível da análise iniciamos pelo processo de pesquisa dos termos que poderia ser realizado por um leitor especializado ou inserido no campo temático, partindo do pressuposto de investigar possíveis conflitos e ambiguidades conceituais dos termos escolhidos nas obras analisadas.

É importante acentuar que na escolha dos dicionários levamos em conta também as datas de publicação, o cinema é uma arte de certa forma recente e ligada diretamente à tecnologia, de acordo com a evolução desta última as técnicas e conseqüentemente os termos modificam-se, dentro do parâmetro de grande evolução tecnológica deve ser considerada a atualização desses termos e a aparição de novos.

Na história do processo de normalização terminológica há comitês nacionais que trabalham na análise de normas nacionais para reduzir a disparidade entre termos de uma determinada área assim como os comitês internacionais ISO determinam as normas para que haja uma normalização internacional dos termos. Dentro das línguas

¹⁰ tradução nossa

oficiais do ISO estão o inglês, francês e o russo. Contudo o cinema é uma área de nicho multilíngue, visto que ele está relacionado com a forma com que são produzidas suas obras, o que difere de lugar para lugar, quer dizer, está totalmente inserido ao contexto em que é aplicado não podendo ignorar a influência cultural. Desta forma é comum encontrarmos as denominações traduzidas de uma língua a outra de forma que estejam mais insertas no contexto sociocultural aplicado. Em resumo as denominações do cinema estão relacionadas ao modo como ele é feito, as técnicas e ferramentas usadas podendo causar variação.

Sabemos que o inglês uma língua referência em termos tecnológicos, aplicando também ao cinema. Contudo o francês é também uma língua base nessa área devido aos estudos semióticos desenvolvidos por filósofos na busca de uma linguagem cinematográfica, assim partimos do pressuposto que essas duas línguas são a base desta área. Como demonstrado nas investigações dos termos citados neste trabalho, percebemos que o inglês possui entradas referentes a termos específicos do cinema de origem do latim, ela e o grego são línguas adotadas como base para normalização a partir do século XV (BARROS,2004)

Além da necessidade de haver um processo de escolha e adequação das denominações da linguagem cinematográfica, partimos da assertiva de que a normalização é importante no aspecto de homogeneização dos conceitos que muitas vezes entram em contraponto ou tornam-se rapidamente obsoletos. Como afirma Martin (2013) há vertentes teóricas sobre o que seria a linguagem cinematográfica, se ela se baseia pela evolução técnica ou por si só como arte metafórica e como ocorre sua perspectiva de comunicação, logo a conceptualização como os termos geridos sofrem grande adversidade.

Esse tipo de situação pode ser percebido facilmente com certos termos ao comparar sua denominação entre obras cinematográficas em que percebemos uma variação conceitual pelo seu aspecto ainda não definido (de adequação) como é o caso de “*cena*”, “*plano*” e “*sequência*”.

A princípio, partiremos da questão sobre o conceito para depois chegarmos as denominações de cada um, em cada língua, e assim ser feita a comparação e análise do termo escolhido em português, inglês e espanhol. Iniciaremos por “*cena*” que em

inglês é “*scene*” e em espanhol “*escena*”. Basicamente eles possuem termos equivalentes cada um em sua língua.

No livro *The five c's of cinematography motion picture film* de Joseph V. Mascelli (1965) que trata sobre as técnicas de filmagem, a definição de cena está como lugar ou cenário em que ocorre a ação. O próprio autor afirma que esta definição é emprestada do teatro. Ele afirma que uma cena pode ser um plano ou uma série de planos representando um acontecimento contínuo. Já no dicionário de Aumont & Marie (2003) separa-se a “*cena*” como *espaço dramático* e a *cena como unidade de ação*. No primeiro consiste da acepção advinda do teatro da cena como área (palco) onde ocorre a encenação e o lugar imaginário onde ocorre a ação. Mais adiante na *cena como unidade de ação* seria o resumo dos significados de cena a partir do teatro sendo ela uma ação unitária e totalmente contínua sem salto de plano a plano. Diferente de Mascelli (1965) que afirma ser a cena uma sequência de planos. Ao buscar referências na língua espanhola foi encontrado o *Diccionario de Términos Cinematográficos* (1994) Que dispõe de duas acepções, a primeira é o termo “*cena*” como sendo a divisão da sequência narrativa de um filme ou de um roteiro, a segunda sendo um conjunto de planos que mantêm uma unidade de lugar, objetos e personagens de um mesmo cenário e unidade temporal. Nesta acepção ele não faz equivalência entre “*cena*” e “*plano*”.

As definições acima sobre cena, concordam no aspecto de ela ser uma unidade de ação em um espaço e tempo definido. Contudo Mascelli (1965) afirma que existe uma confusão entre cena e plano quando eles são usados como equivalentes na linguagem prática e aplicada ao roteiro em que cada um dos planos são chamados de cena, ao passo que no formato cena máster são necessários vários planos para um acontecimento inteiro. Neste caso pode-se usar um único número de cenas designando os planos por letras. Na edição traduzida (2010) por Janaína Marco Antônio, há uma nota explicando que no Brasil os planos são numerados (não separados por letras) e que costuma-se dividir os roteiros em cenas e/ ou sequências.

Syd Field (1998) faz um passo a passo dividindo em capítulos cada elemento técnico do roteiro com uma estruturação mais acessível ao usuário. Dentre os capítulos um está dedicado a cena e sequência, ainda que ele afirme: “*O roteiro, enquanto*

“sistema”, é feito de finais, inícios, pontos de virada, planos e feitos, cenas e sequências. ”. Ele não separa um capítulo para “plano”, apenas para “cena” e “sequência”. Como dito por Joseph, no roteiro muitas vezes utiliza-se o termo “cena” não necessariamente mencionando “plano”. Assim percebemos uma dificuldade em definir e separar o que é uma “cena” e “plano”. É possível levantar a hipótese que cena seria um termo mais geral que se aplica não só ao cinema como também ao teatro e na área de audiovisual de maneira geral no sentido de imagem e corte, sendo ela uma definição mais acessível talvez para um público mais abrangente, ainda que será a comunicação destinada ao leitor inserido em algum grau de especialização (leitores do teatro ou do audiovisual), não sendo acessível ao leitor não especializado (não inserido nas áreas adjacentes ao cinema ou a ele propriamente dito). Logo o plano seria um termo mais específico, por estar contido em fontes especializadas de caráter mais técnico, como manuais de roteiros ou livros de técnicas cinematográficas. Lembrando que com investigação dos termos apresentados e as assertivas de ambiguidades encontradas não estamos elucidando qual seria definição ou denominação apropriada de forma definitiva. Nosso objetivo é analisar as possíveis dificuldades de interpretações dos termos encontrados pelo leitor especializado em sua leitura.

O termo “plano” possui a mesma denominação em português e espanhol, já em inglês o termo é traduzido como “shot”. De acordo com Mascelli (1998) é uma visão contínua filmada por uma câmera sem interrupção em que cada plano é uma tomada (“take”), se há erros durante a gravação repete-se a mesma ação fazendo outras tomadas com os mesmos elementos, se há mudança de câmera, lente, cenário é o caso de um novo plano. Nos tópicos seguintes do livro o autor volta ao termo *plano* no que diz respeito ao ponto de vista sobre o objeto ou ângulos da câmera que explicaremos mais à frente.

No dicionário de Aumont & Marie (2003), há quatro definições possíveis para o termo, salientaremos três delas: A primeira diz respeito ao “plano de imagem” que consiste na disposição dos objetos em relação a câmera (*primeiro plano ou plano de fundo* trata-se da disposição dos elementos da aproximação ou distância em relação a câmera.). A segunda definição está relacionada a quadro ou enquadramento que diz

respeito à unidade de filme em que a câmera (enquadramento) permanece fixa, em resumo é uma:

... imagem fílmica unitária como a de um filme projetado. O plano é a tomada que resta de um filme terminado, e como ela possui continuidade, em resumo um plano é qualquer segmento de um filme compreendido entre duas mudanças de plano. "(Ibidem 2003, p.230).

Aumont & Marie (2003) segue a última definição explanando sobre a falta de precisão que ela possui por não ser possível definir sobre a questão de continuidade devido a difícil percepção quando as passagens dos planos são muito próximas.

No dicionário de Cardero (1989) há três acepções na definição, “*escena*” e *enquadro*, não há definição de cada uma explicando a relação com o termo plano como nos casos acima, a terceira acepção diz respeito ao ângulo da câmera. Contudo antes de chegar aos ângulos trataremos o conceito de “*sequência*”. É importante acentuar que em português a tradução da entrada *plano* (como algo planejado, acepção da língua geral) para espanhol e inglês é “*plan*”, mas no dicionário técnico em espanhol a entrada para o termo é *plano (linguagem cinematográfica)* é a mesma do português, contudo encontramos também a entrada “*plan*” que trata da organização como um cronograma sobre como será executada a filmagem.

Mascelli (1989) define “*sequência*” (*sequence*) como sendo uma série de cenas ou planos completos em si mesmos, representando um fato de maneira contínua por diversos planos consecutivos. “*Field em seu manual define como sendo uma serie de cenas ligadas ou conectadas, por uma única ideia [...] É uma unidade, ou bloco, de ação dramática unificada por uma única ideia.*” (1998). No dicionário de Cardero (1989) a definição consiste em “*um conjunto de cenas com um mesmo propósito em um mesmo cenário com uma unidade de tempo que concorde com a realidade.*”. Nas duas primeiras definições há uma concordância em relação a sequência ser um conjunto de cenas ou planos já a último só define como conjunto de cenas.

Chegamos à conclusão que cena e plano serão equivalentes em várias situações, e que o usuário ao se deparar com eles será motivado a pesquisar para definir em que aspecto o autor faz uso dos conceitos apresentados acima. Contudo

percebemos que há sempre uma dificuldade definir onde se equivalem os termos *cena* e *plano* e onde eles se distanciarão.

Retornaremos aos planos para demonstrar as definições diferenciadas usadas de acordo com a língua e as fontes usadas neste trabalho. Para explicarmos cada um falaremos um pouco sobre os ângulos. Mascelli (1989) define ângulo da câmera “*como sendo a área e o ponto de vista gravados pela lente determinado por três fatores: tamanho do objeto, ângulo do objeto e altura da câmera. É basicamente a perspectiva do que e quanto o público poderá ver na cena.*”

Há vários tipos de planos que vão variar de acordo com a relação da câmera e objeto, como plano geral, em que compreende toda área de ação, “*plano médio*” o “*close*” e/ou “*primeiro plano*” que seria a aproximação da câmera do objeto ou “*plano médio*” que é a posição da câmera intermediário aos outros dois planos. Veremos adiante que há vários termos que podem definir o plano médio e o “*close*” muitas vezes tornando- se difícil distingui-los em algumas leituras.

Mascelli (1965) usa os termos plano médio (*medium shot*) ou como ele afirma achar mais adequado plano intermediário (*intermediate shot*) devido ao fato de ser um plano que está entre o geral e o “*close*”. Ele define sendo quando os atores são filmados acima do joelho ou da cintura para baixo. Na tradução (2010) a autora faz uma nota sobre o uso dos termos afirmando que em português alguns autores preferem definir o primeiro caso em que os atores são filmados acima do joelho como sendo “*plano americano*” e o segundo caso “*plano médio*” ainda que muitos englobem no último termo como Mascelli. Ao buscar o conceito referente no livro de Martin encontramos o uso de *plano geral*, mas ao se referir sobre a aproximação da câmera aos objetos ou pessoas ele usa *primeiro plano* e *primeiríssimo plano* este também como sendo “*close*”. No *Diccionario de Términos* de Cardero (1989) há na entrada plano, a aceção *plano americano* e *primeiro plano* (nele está a definição tanto acima dos joelhos quanto abaixo da cintura). Por último Field (2001) eles não se atêm as explicações sobre planos pois o plano basicamente é a posição da câmera, neste aspecto é trabalho do diretor decidir as posições da câmera pois diz respeito a “*decupagem*”, ou seja a montagem da cena de acordo com o descrito no roteiro. Assim,

Field (2001) apenas refere-se aos planos gerais (quando cobre toda a área da cena) ou *planos específicos* (que podem ser *plano médio, close, etc.*)

O próximo passo é analisar o uso dos termos *close* e *planos específicos* ou *descritivos*, já que pelo o que podemos observar também há certa dificuldade em defini-los. Começaremos no que diz respeito o “*close*”, palavra de origem inglesa tem como definição no dicionário *Oxford Online*:

<p><i>Close</i></p> <hr/> <p><i>Pronunciation: /kləʊs/</i> <i>adjective</i></p> <hr/> <p>1. <i>Only a short distance away or apart in space or time: the hotel is close to the sea”</i></p>

Expomos a definição do verbete “*close*” no dicionário Oxford para compararmos a sua definição em língua geral e sua similaridade de forma superficial à definição do termo dentro do campo terminológico. “*Close*”, como visto acima, refere -se a perto ou próximo, partindo desse ponto e seguindo rumo a especialidade do conceito diz respeito a aproximação da câmera ao objeto (nos referimos também a pessoa) da cena, como mencionando anteriormente na definição de Mascelli (1965) e Field (2001).

Em *The Five C's of Cinematography*, Mascelli define *close (close-up)* como sendo a aproximação da câmera ao objeto (que pode ser uma pessoa) quer dizer *medium close-up (close médio)* em que a câmera filma do meio do tronco do ator até acima da cabeça. Ele conclui que “*se não houver especificado o tipo de close, é recomendável fazer um close da cabeça ou ombro*”. Na tradução de Janaína Macoântonio (2010) ela faz uma nota explicando que na prática o *medium close-up* não é necessariamente um *close* e que essa posição da câmera dita pelo autor é denominado como “*plano próximo*”. Como dito anteriormente Martin não aprofunda no termo *close*, eles se atem apenas ao uso de primeiro plano (ainda que use o termo ligando ao outro termo (*primeiríssimo plano*) percebemos em seu livro, nas descrições de cenas em que aparece o rosto do ator na tela inteira ele faz uso apenas do termo *primeiro plano* o que Marcelli refere-se a *close de cabeça*.

Já o no Dicionário de Términos (CARDERO 1989) vemos a seguinte aceção:

close up 1. Encuadre cinematográfico de gran acercamiento a un actor o a un objeto, que abarca, en los actores, de la parte inferior de los hombros hasta arriba de la cabeza, dejando un espacio encima de ésta; acercamiento **2 GRAN CLOSE UP** Encuadre cinematográfico que abarca el rostro de un personaje o solamente una parte de éste; big close up **3 Medium close** Encuadre que oscila entre el close up y el medium shot.

Podemos perceber que no Cardero (1989) e Mascelli (1965) as mesmas aceções em relação ao close diferente de Janaína (2010) que questiona o uso do termo close médio por não ser considerado um “close” de fato preferindo o uso de plano próximo perceptível também tais denominações por Martin (2013). Contudo é importante destacar que o livro de Mascelli foi escrito em 1965, conseqüentemente as ressalvas sobre a adaptação a linguagem se fará necessária, como o caso das várias denominações de “close” que faz Mascelli (1965) e que hoje são separadas apenas em “close” e planos detalhes. Este último Marcoantonio (2010) adiciona ao subtítulo de “*extreme close up*” no livro de Mascelli (1965), contudo se pararmos para analisar a natureza do “close” baseado nas aceções acima sobre o ponto de vista da câmara em relação ao objeto, pode-se considerar de certa forma a aproximação extrema de câmara ao objeto como “close”, contudo uma grande variedade de “closes” pode confundir sobre a diferenciação de cada logo o uso de planos detalhes pode ajudar a esclarecer cada técnica. Entretanto há assertiva que ao diminuir o número de tipos de “close” aumentaram-se os planos, o que, de certa forma, pode trazer dificuldades de interpretação, da mesma forma, dessas técnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar uma investigação terminológica comparativa dos termos do cinema em glossários e dicionários de língua e dicionários especializados e em obras de linguagem cinematográfica, analisando as denominações e os conceitos encontrados. Buscamos demonstrar como ocorre a normatização das unidades lexicais do cinema, trazendo assim maior acessibilidade ao leitor desta área especializada, como também ao público abrangente sobre a interpretação de um termo que pode ocorrer de maneira por vezes equivocada à simples vista. No processo de análise e coleta dos termos utilizamos como base teórica da investigação a Terminologia fundamentada em Cabré (1993) e Barros (2004) e os estudos de linguagem cinematográfica.

Durante a investigação nos deparamos com alguns obstáculos como delimitar o número de termos e quais deles usaríamos para a análise. No que se refere a investigação das definições, encontramos alguns casos em que uma mesma unidade lexical possuía vários conceitos, o que dificultou nossa interpretação. Outro impedimento foi certificar o nível de especialização das unidades lexicais analisadas e determinar quais pertenciam somente ao cinema ou se elas poderiam ser usadas igualmente na área temática.

Conclui-se que a Terminologia é de grande importância para a definição da língua de especialidade de uma determinada área. Visto assim, os métodos de análise terminológicos podem influenciar profundamente na escolha dos termos adequados ao cinema e os conceitos, a fim de que determinada área de conhecimento se torne mais acessível em todos os seus níveis de especialização. Igualmente, visto o que observamos durante a análise das unidades lexicais em nossa investigação, partimos da assertiva que o cinema é uma área com carência de normalização dos termos, depreendemos que pesquisas embasadas na Terminologia do cinema podem proporcionar uma maior acessibilidade ao leitor no estudo de obras da área cinematográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques. A estética do filme. São Paulo: Papyrus, 1995. 2ªed

_____, _____, MARIE, Michel; tradução ARAÚJO, Ribeiro. Dicionário teórico e crítico de cinema. Campinas SP: Papyrus, 2003.

BARROS, Lidia Almeida. *Curso Básico de Terminología*. São Paulo: Edusp, 2004.

CABRÉ, Maria Teresa. *La Terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CARDERO, Ana María. Dicionário de términos cinematográficos usados en México. DR Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad Universitaria México, DF: Escuela Nacional de Estudios Profesionales Acatlan, 1989.

Dicionário eletrônico Oxford. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/>

Dicionário eletrônico RAE- Real Academia Española. Disponível em: <http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>

Dicionário eletrônico Aurélio. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/>

FIELD, Syd. Manual do Roteiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LETRAS, academia brasileira. Dicionário escolar da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. Tradução NEVES, Paulo. São Paulo: Brasiliense, 2013.

MASCELLI, Joseph V. Os cinco c's da cinematografia. Técnicas de filmagem. Tradução MARCOÂNTONIO, Janaína. Tradução Marco São Paulo: Summus Editorial, 2010.

_____, _____. The five c's of cinematography. Motion pictures filming techniques. Los Angeles: Silman-James Press, 1998

MASTRELLA- DE- ANDRADE, M. R. Pensando identidades em contextos de ensino-aprendizagem de línguas: uma discussão teórica introdutória. In FIGUEREDO, C.J. MASTRELLA- DE- ANDRADE, M. R. Ensinos de línguas na contemporaneidade: Práticas de construção de identidades Campinas: Pontes Editores, 2013.

METZ, Christian. *A significação do signo*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MONACO, James. Cinematographical & Film Production Terms How to Read a Film (Oxford, 1981) and The Film Studies Dictionary (ed. Blandford, Grant & Hillier; London 2001) Artigo acadêmico.

RIBEIRO, Carolina Fonseca, ORPHÃO, Lídia. Professora: RIECHE, Adriana Ceschin. Glossário área: Cinema sub-área produções de filme. Rio Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008. Artigo acadêmico.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2006.